

## **Folha de S. Paulo**

**4/8/1986**

### **Em Leme, PT remonta versão sobre o conflito entre PMs e bóias-frias**

Tadeu Afonso

Enviado especial a Leme

De dois a quatro policiais militares saíram do ônibus dirigido pelo motorista Orlando de Souza, atirando contra os grevistas, na manhã do dia 11 de julho, em Leme (188 km a noroeste de São Paulo), durante conflito que resultou na morte de duas pessoas. Uma mulher, grávida de seis meses, abortou na Santa Casa local, 24 horas depois de ser espancada por policiais militares, quando regava as plantas de sua casa, próxima ao largo Bonsucesso, nessa mesma manhã. E um PM moreno, de bigode, aproximadamente 1,70 m de altura e farda comum, "que não era da tropa de choque", jogou sua arma ao chão durante os tiros e gritou: "Matei um ali".

Foram estas as declarações feitas ontem, por alguns dos cortadores de cana de Leme, durante depoimento que prestaram a seis advogados do Partido dos Trabalhadores na subsele do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Leme. Segundo o advogado Luiz José Bueno de Aguiar, 34, os depoimentos serão agora encaminhados ao delegado Adolfo Magalhães Lopes, que preside o inquérito policial sobre os conflitos da manhã do dia 11 de julho nesta cidade.

Os lavradores Ademir Lirio Generoso da Silva, Liodônio Ferreira Dias, Jorge Pereira Filho e Argemiro Boff disseram aos advogados que foram três policiais militares que desceram do ônibus de Orlando de Souza, atirando contra os grevistas. Marilda Aparecida Benhame disse que eram quatro e o carpinteiro José Gomes da Silva declarou que viu dois PMs saltarem do ônibus, correrem para três de um muro "atirando para matar, o que não é direito".

O depoimento mais minucioso foi o de José Maurício Galvão Valim. O lavrador disse aos advogados que estava em companhia de Sibely Aparecida Manoel e sua amiga Maria Aparecida Cantelli Bonvecchio, quando a primeira caiu atingida por um tiro. Segundo Maurício, logo em seguida, ele viu um PM jogar a arma ao chão, levar as mãos à cabeça e gritar: "Matei um ali". No seu depoimento, ele disse que o soldado deixou a arma no chão e correu. Voltou logo depois, recolheu o revólver, tirou os cartuchos disparados, carregou a arma novamente e voltou a atirar.

O cortador de cana disse ainda que viu uma mulher, grávida de seis meses, ser espancada por policiais militares quando regava as plantas de sua casa, nessa mesma manhã. No dia 14, disse que encontrou o marido dela, que ele conhece pelo apelido de "Nêgo", na Santa Casa de Leme, quando foi informado de que a mulher abortara na manhã de sábado, dia 12, em consequência do espancamento. Quando os advogados lhe pediram para que identificasse o casal, ele disse que isso seria inútil porque os dois já haviam se recusado a falar às TVs Globo e Manchete. E acrescentou que foi espancado por um grupo de PMs quando deixava a Santa Casa de Leme na manhã do dia 11. Entre os soldados, segundo ele, estava o que havia jogado a arma ao chão logo após Sibely ter sido atingida. Maurício o descreveu: "Moreno, de bigode, estatura mediana e farda comum, que não era a da tropa de choque".

O cortador de cana José Roberto Generoso da Silva declarou aos advogadas que, também na manhã do dia 11, a polícia atirou para o ar, numa outra entrada de Leme, junto à fábrica Teka, para dissolver piquetes de grevistas. Segundo ele, os soldados diziam que havia tropas de outras cidades em Leme e que estes PMs "estavam dispostos a tudo".

Outro cortador de cana, Liodônio Ferreira Dias, disse que vinha pela rua Raposo Tavares quando parou atrás do ônibus dirigido por Orlando de Souza. Segundo ele, os grevistas começaram a apedrejar o veículo. O ônibus, finalmente, encostou, mas os policiais, dentro, não deixavam os trabalhadores saltarem. Liodônio afirmou que alguém deu "uma peitada" nos PMs, e caiu por cima de dois. E três soldados saíram atirando contra a multidão, que estava a menos de cinco metros de distância, segundo ele. "Choveu policial" atirando, disse. Jesus da Silva surpreendeu os advogados ao apresentar três balas, duas cápsulas azuis e um objeto que foi identificado como uma bomba de gás lacrimogênio. Os artefatos serão, agora, encaminhados ao delegado Adolfo Magalhães Lopes.

A cortadora de cana Marilda Aparecida Benhame disse aos advogados que os PMs chegaram a formar "um paredão" ao longo da linha de trem atirando contra o piquete. Outra grevista, Maria Dalva Jacinto, declarou ter visto dois soldados "com fardas como as da região, de camisa clara", atirando contra a multidão "não para cima ou para baixo". E Waldemar Donizeti Moreira disse que os policiais que desceram do ônibus já atirando chegaram a trocar fogo com os soldados que disparavam contra os grevistas do outro lado da linha do trem.

O lavrador Orival Francisco disse aos advogados que viu um PM atirando em direção a uma moça. Segundo ele era "branco, estatura mediana não era gordo e não tinha bigode", com uma roupa igual a de uma guarnição da Polícia que estava no largo Bonsucesso José Itamar, da comissão de greve, disse que foi espancado por soldados da Polícia Militar.

Explicando a formação da comissão, o advogado Luiz José Bueno de Aguiar disse que o PT tinha informações de que muita gente na cidade não seria ouvida no inquérito policial "apesar de saber muito". Segundo ele, as declarações serão agora encaminhadas à polícia, "para preservar a memória dos fatos e para que o Brasil não se esqueça do que aconteceu em Leme". Os advogados que tomaram os depoimentos, além de Bueno Aguiar foram Neide Caetano do Nascimento, 34. Eunice Fagundes Storti, 36, Flávio Ferreira Araújo, 36, Flávio Augusto Straus, 24, e José Carlos Cione Barbosa, 40.

**(Primeiro Caderno — Página 5)**